

## MATA DA POAIA

A GRANDE mata higrófila-megatérmica que, interrompidamente, se estende no centro-oeste de Mato Grosso e sueste do território de Guaporé, desde as cercanias de Cáceres a sudoeste de Cuiabá até as cabeceiras dos rios Cautário, Jaru, Jamai e outros, um pouco ao sul do paralelo 10", nas encostas da chamada serra dos Parecis, é popularmente conhecida por Mata da Poaia. Alarga-se para nordeste desde as vertentes do Guaporé até as cabeceiras mais orientais do rio Paraguai.

Influenciada pela umidade atmosférica, sob a forma de nevoeiros ou de chuvas, apresenta-se sempre viçosa, até os seus confins extremos setentrionais. Aí passa a se confundir com as matas justafluviais do Guaporé e com os campos do Madeira, ambos já nos extensos chapadões dos Parecis.

Sua denominação popular provém do fato de, ao lado de exemplares de bálsamo, salsaparrilha e outras plantas medicinais, encerrar formações típicas de poaia, nome vulgar da ipecacuanha brasileira. Esta, como se sabe, é uma planta medicinal cujos tubérculos, ricos em alcalóides, sobretudo de emetina, constituem objeto de uma tradicional indústria extrativa no estado de Mato Grosso.

A viçosa Mata da Poaia é dominada por árvores gigantescas que chegam, às vezes, a alcançar a altura de 30 metros, particularmente no alto rio Jauru e no Sepotuba superior. Entre as mais altas árvores figuram o jequitibá, a copaibeira, o jatobeiro, o bálsamo, os cedros, arapitangas e canjeranas.

Os troncos e os ramos das árvores apresentam-se quase totalmente cobertos por epífitas. Todavia, estas são menos profusas do que nas matas da serra do Mar.

Algumas lianas possuem os ramos fechando completamente as árvores. Outras, apresentam disposições particulares verdadeiramente curiosas. O cipó escada, por exemplo, tem o caule achatado, desenvolvendo-se sinuosamente e formando uma série de cavidades ou degraus que lhe dão o nome.

Musgos e fetos são numerosos na Mata da Poaia. Nela, outrossim, as bromeliáceas seguidas das aráceas, atingem as maiores dimensões, mesmo as espécies epífitas de begônia comuns em outros tipos de floresta matogrossenses, apresentam-se em maior quantidade, na referida mata.

A Mata da Poaia encerra, por outro lado, variadas palmeiras como a "auaçú" ou "pindoba", a "cortical", a "açai", a "buriti" e também musáceas de grande porte, bem assim pindaibais da família das anonáceas.

O primeiro andar da mata é constituído de arbustos e ervas de reduzido sistema radicular, medrando sobre os detritos vegetais. Aliás, em quase toda a extensão da mata a superfície do solo é enxada e fôfa, formada que é de detritos em decomposição, ou já decompostos.

Entre os arbustos e ervas, as rubiáceas ocupam destacado lugar e crescem no humo à sombra úmida da floresta. Nos pontos mais inclinados ficam as formas frutuosas vicejando por entre as grandes árvores, ajudando a compor o primeiro andar da mata famosa.

Nos pontos não atingidos pelos raios do sol, despontam as rutáceas ostentando suas longas fôlhas agrupadas na extremidade do caule. Nos locais, onde a umidade atmosférica e a do solo coexistem, vicejam as helicônias.

Das formas herbáceas diversas ciperáceas e gramíneas poderiam ser citadas. As esclérias, entretanto, preferem os lugares mais úmidos.

A Mata da Poaia é também mais ou menos rica em espécies orquídeas. HOEHNÉ que estudou localmente uma boa porção da mesma, destacou como mais freqüentes as *Phygurus*, *Galeandra*, *Prescottia* e *Habenarias*.

É no humo desta floresta úmida, variada e viçosa, que a poaia cresce. A pequena planta herbácea, meio arbustiforme, que deu o nome à floresta, é a poaia preta (*Cephaelis ipecacuanha*, A. RICH.) ou ipecacuanha verdadeira, cujas raízes são carnosas, aneladas e um tanto onduladas, tendo de 20 a 40 cms de comprimento. É a mais importante das plantas eméticas existentes nas florestas, campos limpos e cerrados do Brasil.

Para o agrônomo PEDRO PAIS DE BARROS (A ipecacuanha, sua extração, cultura e comércio, *Seiv Inf Agri M Agri*, Rio de Janeiro, 1942), a ipeca "é uma planta herbácea, de caule francamente lenhificado, com 30 a 50 centímetros de altura. Quando atinge esse comprimento, o caule vai se inclinando para o solo — geralmente depois de um ano de idade — formando o falso rizoma, que emite raízes laterais, partindo dos nós, transformando algumas delas em raízes tuberosas, ricas em substâncias de reserva. As folhas são simples, inteiras, opostas, ovaladas, curtamente pecioladas, de um verde pálido na face interior, peninervadas. O pecíolo é levemente canaliculado. As flores são brancas, situadas na gema apical, envoltas em brácteas involucradas pubescentes. Esses pêlos são em número de dez em cada bráctea. As brácteas são em número de duas, adjacentes aos pecíolos."

Os frutos são colhidos pelo poaieiro, pequeno pássaro, que os come espalhando depois as sementes com as fezes. Segundo narra F. C. HOEHNE, tais frutos são pequenas bagas alvacentas e carnosas e as flores "aparecem em pseudo-capítulos terminais, bastante congregadas e envoltas por algumas brácteas relativamente largas que formam um pseudo-receptáculo para elas."

Em seu trabalho *Plantas e Substâncias Tóxicas e Medicinais*, (Dep. de Bot. do Est. de S. Paulo, 1939) o citado cientista refere-se ao respeito que o colhedor de raízes da poaia tem pela referida ave cujo grito estridente é por ele traduzido como "Poaia, poaia, poaia, fogão, poaia-fogão, porque onde ele assim assovia, existe, segundo diz, uma reboleira (fogão) desta plantinha que dá para se colherem alguns quilos de raízes."

Não apenas possui a *Cephaelis ipecacuanha*, de Rich., raízes com ação emética. Muitas espécies de violáceas, menispermáceas, polígáláceas, etc., contêm raízes com ação emética afim da verdadeira poaia. "A *Cephaelis ipecacuanha*, A. RICH., é considerada o centro ou a verdadeira poaia — escreve HOEHNE, na obra citada — porque contém respeitável porcentagem de alcalóide, enquanto o povo insiste em asseverar que outras de gêneros afins, são igualmente terapêuticas e eméticas, embora a indústria não as queira para tais fins."

A raiz da poaia de ação enérgica como vomitivo conhecida de longa data pelos indígenas foi levada ao conhecimento da ciência européia no decurso dos séculos XVII e XVIII graças a WILHEM PIES, HELVETIUS, GRENIER e outros. Todavia, só em 1817, pôde PELLIER extrair o princípio básico da poaia embora em estado impuro. Aperfeiçoado o processo da extração por MAGENDIE, em 1821, foi aquele princípio denominado emetina. Daí por diante, os trabalhos de investigação prosseguiram mais ou menos ativamente.

Da verdadeira poaia, a preta, KELLER e COWNLEY conseguiram, em 1895, purificar a emetina, seu principal alcalóide, dela isolando a cefelina e a psicotrina. O mais importante emprego da emetina é como remédio contra a desinteria amebiana cujo mal aflige tantas pessoas em diferentes regiões do mundo. Nestas condições compreende-se o valor que a poaia preta possa alcançar no mercado mundial.

A Mata da Poaia viceja numa região de clima quente e úmido no verão, com abundante queda pluviométrica e ventos de norte e noroeste. Na época estival, torna-se quente e seco porém com ondas de frio nos meses de maio a julho quando se verifica, às vezes, queda da temperatura até 5 e 6 graus acima de zero.

Finalmente, segundo as observações do agrônomo PEDRO PAIS DE BARROS, na grande Mata da Poaia, "a insalubridade não é tão acentuada e a maleita já não faz tantas vítimas; porém, nas margens do Guaporé e seus afluentes, a extração da ipeca só é possível no período das secas de maio a setembro, em desacôrdo com as leis estaduais, visto que, na época das chuvas, a maleita não poupa a vida dos ousados que lá se metam, mesmo com o quinino preventivo."

JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA

